

USO DE BASES DE DADOS EM BIBLIOTECAS BRASILEIRAS E AMERICANAS*

WALDerez Maria Duarte Dias
Maria Neves de Oliveira e Silva
Biblioteca Central
Universidade de Brasília
70910 Brasília, DF

Compara a geração e uso de bases de dados em bibliotecas brasileiras e americanas. Discute a formação e as características sociais, econômicas e culturais das duas sociedades. Cita os principais problemas para a geração e uso de bases de dados no Brasil. Conclui que a dinamização do serviço de consulta a bases de dados nas bibliotecas brasileiras depende substancialmente do desenvolvimento de uma infraestrutura informacional, que dê suporte a esta atividade.

1. INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, não só nos países avançados, como também nos países em desenvolvimento, tem havido um crescimento constante do número e tipos de bases de dados legíveis por máquina, geradas e colocadas à disposição dos usuários. Essas bases de dados encontram-se disponíveis em quase todas as áreas do conhecimento.

Dentre as inúmeras vantagens apontadas na literatura, para o uso do serviço de consulta a bases de dados em bibliotecas, podem-se destacar: maior rapidez na obtenção das respostas às pesquisas e maior relevância dos resultados das mesmas; atualização dos dados recuperados; exaustividade na cobertura de diferentes fontes de informação; acesso a informações não disponíveis em forma impressa e

* Trabalho apresentado como parte da disciplina **Serviços Técnicos em Bibliotecas e Centros de Documentação**, do Curso de Mestrado em Biblioteconomia e Documentação da Universidade de Brasília.

eliminação das tarefas auxiliares, comuns às pesquisas realizadas nos índices impressos. Em decorrência destes fatores, o bibliotecário economiza tempo e pode desenvolver outras atividades de sua área profissional.

Desta forma, as bases de dados são instrumentos de grande importância para a biblioteca moderna, sendo seus benefícios sentidos tanto por usuários de países em alto estágio de desenvolvimento, como os Estados Unidos, quanto aqueles de nações emergentes, como o Brasil. No entanto, devido a uma série de dificuldades que caracterizam as sociedades menos desenvolvidas, sobretudo no que diz respeito à infra-estrutura necessária para a implantação e desenvolvimento deste tipo de serviço, a sua oferta ainda é feita com deficiências.

Assim sendo, é importante que, no momento em que se busca melhorar o nível e a qualidade do atendimento dado aos usuários das bibliotecas brasileiras, através da automatização de seus serviços e da criação e utilização de bases de dados, se tome por modelo um país que tenha atingido um alto padrão de qualidade nesse setor, pois assim se poderá usufruir de seus acertos, evitando gastos desnecessários com experiências que já se mostraram inadequadas e improdutivas em outras sociedades. O país escolhido como modelo para este estudo foi os Estados Unidos, o qual deve ser questionado à luz de suas características sócio-econômicas e culturais, através de um corte transcultural, próprio da Biblioteconomia Comparada.

2. CARACTERÍSTICAS SOCIAIS, ECONÔMICAS E CULTURAIS DAS SOCIEDADES AMERICANA E BRASILEIRA

Os Estados Unidos constituem-se na primeira nação que, após ter ultrapassado os estágios de sociedade agrícola e industrial, atingiu a condição única de sociedade cujas características básicas se fundem na ênfase à produção, acumulação e distribuição da informação. A consequência dessas profundas transformações revelou-se, sobretudo, através da modificação do consumo de serviços de informação, baseados em tecnologias avançadas, que possibilitam ao cidadão americano o acesso a serviços altamente sofisticados.

Ao longo do progresso alcançado na informatização da sociedade, um novo e profundo movimento transformador se mostra por inteiro: é a quarta revolução industrial que Rostow (13) define como sendo um conjunto de grandes inovações, caracterizadas pelos avanços da microeletrônica, das comunicações, da genética, do *laser*, da robótica, de novos materiais, de células fotovoltaicas, de novos usos do hidrogênio e de formas mais econômicas de produção de combustíveis sintéticos.

Graças a estes progressos, a sociedade americana tem sido capaz de manter seu alto padrão de consumo, além de melhorá-lo continuamente. Na última década, não obstante consideráveis dificuldades representadas pela crise do petróleo e a consequente recessão das economias capitalistas avançadas, a renda per capita do cidadão americano aumentou em 18%.

O Brasil, ao contrário dos Estados Unidos, ainda passa pelo estágio de industrialização, mantendo em seu território grandes bolsões agrícolas e pastoris subdesenvolvidos. Apesar do vigoroso processo de industrialização que vem transformando a paisagem e a sociedade brasileira, o País ainda não conseguiu generalizar os benefícios do progresso material à maioria do seu povo. As endemias rurais e urbanas, a falta de saneamento básico, habitações de baixo padrão, escolas insuficientes e inadequadas, inexistência de bibliotecas públicas e escolares e uma distribuição de renda altamente concentrada constituem, ainda hoje, problemas básicos da sociedade brasileira.

O progresso alcançado, ainda que efetivo e amplo, não foi capaz de incorporar as massas rurais e as periferias urbanas aos seus benefícios. Criou-se, assim, um **país arquipélago**, onde regiões ilhadas e muito diferenciadas econômicas, cultural e socialmente se integram via **pontes**, que preservam suas identidades e características.

Diferentemente da sociedade americana, que teve o seu processo de crescimento presidido por uma elite protestante, anglo-saxônica, a caminhada do Brasil, do estágio agrícola ao industrial, teve como liderança uma elite de origem e formação agrárias, predominantemente portuguesa e católica.

Enquanto as elites anglo-saxônicas da América se pautavam em valores econômicos utilitaristas, que caracterizavam o protestantismo do norte europeu, as elites portuguesas tiveram no catolicismo absolutista sua principal fonte de inspiração comportamental. A fé, o dogma e a dependência em seres todo-poderosos mantiveram as elites portuguesa e brasileira (após a independência) na expectativa de que a mudança e o progresso seriam resultantes dos desígnios divinos, e não do trabalho e da vontade consciente dos indivíduos, como aconteceu com as elites anglo-saxônicas.

A revolução industrial, que é o produto mais acabado e consequente do ceticismo europeu, teve seu início exatamente entre os anglo-saxões e povos do norte da Europa, servindo para consubstanciar um conjunto de valores, crenças e expectativas que via o homem não apenas como agente, mas também como objeto da história. A inteligência humana e sua aplicação sistemática seria o meio natural de enfrentar problemas e aumentar a produtividade. O acúmulo de bens, direitos e informações constituiria o prêmio aos mais destacados.

A partir da Segunda Guerra Mundial, a industrialização se torna, de modo quase obsessivo, a grande meta de todas as elites das nações não desenvolvidas. No Brasil, onde já se disseminavam núcleos de cultura e prática industriais, todos os esforços do Estado voltaram-se para o projeto de industrialização do País e a busca do bem-estar sócio-econômico para os seus cidadãos.

Atualmente, a sociedade brasileira, apesar de contraditória e até conflitante em termos de valores, orientações e objetivos, prossegue no seu projeto de industrializa-

ção, modernização e adequação de suas estruturas políticas, econômica, educacional e científica às novas demandas.

Nos últimos anos, os grandes progressos ocorridos na área da informática permitiram a grande parcela da população brasileira a utilização de serviços de informática em sua rotina diária, seja através do processamento de contas de luz, de telefone, de água, ou mesmo da automação dos serviços de suas bibliotecas (4).

3. PRODUÇÃO DE BASES DE DADOS

As bases de dados cobrem atualmente as mais diversas áreas do conhecimento, fornecendo informações para os mais variados tipos de usuários, sendo que as bibliotecas utilizam-se mais freqüentemente de bases de dados bibliográficos ou referenciais, ou seja, aquelas que trazem registros bibliográficos, como: autor, título, nome do periódico, volume, número do fascículo, data de publicação, páginas, índice de termos, palavras-chave, resumos, editor, etc.

Nos Estados Unidos, a maioria das bases de dados é produzida pelo governo federal. Essas bases são as mais utilizadas, tanto em função da sua utilidade para os usuários como pelo fato de terem sua criação e uso subsidiados pelo governo. As sociedades sem fins lucrativos também têm produzido um número expressivo de bases de dados, porém o número de organizações comerciais produtoras é pequeno.

No Brasil, os serviços de base de dados só recentemente começaram a se desenvolver e, por esta razão, são poucas as bases de dados disponíveis produzidas no País, sendo o governo o seu principal produtor. As empresas privadas, embora florescentes, ainda não atingiram dimensões maiores, e só recentemente passaram a se interessar por este setor.

Vários organismos internacionais, como a UNESCO, FAO, UNIDO e OAS têm procurado auxiliar os países em desenvolvimento, através de projetos na área de bases de dados. No entanto, segundo Moravcsik & Ziman, citados por Subramanyam (15), muitas das atividades desses organismos internacionais são grandiosas em concepção, tecnicamente mal estruturadas, inadequadamente financiadas e grandemente irrelevantes para os cientistas e tecnólogos dos países em desenvolvimento.

O Brasil, como outros países do Terceiro Mundo, ainda se encontra num nível de desenvolvimento insuficiente e inadequado em termos políticos, sociais e educacionais, sendo deste modo natural que sua situação informacional seja, de certa forma, precária.

Nos Estados Unidos as bases de dados formam o ápice de todo um sistema de recuperação da informação: os livros trazem índices, existem centenas de livros de referência sobre todos os assuntos imagináveis e índices são publicados regular-

mente, trazendo o conteúdo das revistas mais significativas. No Brasil, o ambiente informacional praticamente não existe. Livros raramente trazem índices, publicam-se poucos livros de referência e a indexação de periódicos é precária. Na realidade, a sociedade brasileira funciona em grande parte sem utilizar a informação. Decisões importantes são tomadas sem uma consulta prévia às fontes de informação pertinentes. Esta situação tem uma influência significativa na geração e na utilização de bases de dados (10).

Fazendo-se uma comparação entre os guias de bases de dados dos Estados Unidos e do Brasil, nota-se que a última versão do **Directory of online Data Bases** (1985) relaciona 2.760 bases de dados disponíveis para o público, acusando um crescimento de cerca de 24% ao ano. A publicação brasileira equivalente, o **Catálogo de Bases de Dados no Brasil** (1985) cita 150 bases de dados, incluindo algumas que não são disponíveis ao público em geral (11).

4. BASES DE DADOS EM BIBLIOTECAS

As bases de dados não podem ser vistas isoladamente. Uma base de dados funciona como um instrumento de acesso à literatura e depende de vários fatores para o seu bom desempenho. Embora teoricamente as bases de dados possam ser utilizadas em todos os tipos de bibliotecas, como ocorre nos Estados Unidos, onde os serviços de consulta *online* estão amplamente difundidos e os computadores são equipamentos comuns na maioria das bibliotecas, a situação brasileira difere bastante desta realidade.

No Brasil, o uso do serviço de consulta a bases de dados está praticamente restrito às universidades, organizações privadas e governamentais, incluindo-se aí as bibliotecas especializadas. As bibliotecas públicas e escolares ainda não estão devidamente instaladas e não dispõem de recursos financeiros e materiais sequer para fornecer os serviços básicos que devem prestar à comunidade.

4.1 Problemas para a utilização de bases de dados

De acordo com Subramanyam (15), as maiores dificuldades enfrentadas pelos países em desenvolvimento na utilização dos serviços de consulta a bases de dados são provenientes da ausência de infra-estrutura informacional adequada, que possam dar suporte a essa atividade.

Os elementos considerados essenciais para a existência de uma infra-estrutura informacional são:

- recursos físicos
- recursos humanos
- desenvolvimento na área de ciência e tecnologia
- política nacional de informação

4.1.1 Recursos físicos

No que se refere às bibliotecas brasileiras, os recursos físicos representados pelas instalações, equipamentos e material bibliográfico são bastante limitados. Além de estes serem insatisfatórios em relação à extensão territorial do País, a maioria das bibliotecas existentes possui coleções insuficientes e inadequadas. A aquisição de periódicos estrangeiros, quando feita, é dificultada não só pela falta de recursos, como também pelos problemas decorrentes da aquisição de publicações no exterior.

As instalações e os equipamentos são geralmente deficientes, sendo que muitas bibliotecas não possuem telefone, máquinas reprográficas, ou mesmo de escrever. Embora algumas bibliotecas estejam utilizando computadores, principalmente para operações de rotina, geração de diretórios, catálogos coletivos e índices por palavras, a introdução do computador não produziu a eficiência esperada, nem nos serviços técnicos nem no atendimento aos usuários.

Apesar de estarem utilizando o computador, os bibliotecários brasileiros enfrentam vários problemas, como, por exemplo, a ausência de *software* adequado às suas necessidades. Este problema é gerado sobretudo pela deficiência de recursos humanos para o seu desenvolvimento e pelas dificuldades existentes na utilização e importação de *software* de países desenvolvidos, devido, principalmente, ao seu alto custo. Mesmo nas bibliotecas onde a utilização da informática já alcançou um estágio elevado, ainda não houve uma absorção total da tecnologia de base de dados. Nos Estados Unidos, por outro lado, esta tecnologia já está se tornando ultrapassada.

4.1.2 Recursos humanos

A inexistência de profissionais qualificados no Brasil é um dos maiores obstáculos para o desenvolvimento da tecnologia da informação. A formação do bibliotecário é bastante tecnicista, dando ênfase ao processamento e à organização do material bibliográfico, e pouca atenção aos serviços de atendimento aos usuários. Além disto, como o curso é oferecido a nível de graduação, o profissional brasileiro não tem oportunidade de tornar-se um especialista, a não ser pela própria experiência ou através de cursos de curta duração. Nos Estados Unidos, onde o curso é a nível de pós-graduação, o estudante, ao ingressar no curso de Biblioteconomia, já possui uma formação superior, tendo oportunidade de visualizar o curso não como o aprendizado de técnicas e de um conjunto de regras, mas como um canal para veicular as informações recebidas na graduação.

Esta situação tem influência direta na utilização de bases de dados pelas bibliotecas, uma vez que a pesquisa *online* exige conhecimento profundo do vocabulário do assunto a ser pesquisado. No Brasil, este problema é agravado pela barreira lingüística, uma vez que grande parte das informações contidas nas bases de dados estão em língua inglesa, e a maioria dos bibliotecários não tem conhecimento suficiente deste idioma.

O fato de as linguagens de busca utilizadas nas pesquisas *online* serem complexas exige, também, que o bibliotecário seja bem treinado e que utilize regularmente as bases de dados, pois a sua eficiência está estreitamente ligada à prática que tem na utilização das mesmas.

A participação dos bibliotecários na geração de bases de dados nos Estados Unidos tem sido bastante significativa. Desde a década de 70, quando teve início a criação e utilização de bases de dados, os bibliotecários têm estimulado sua criação, responsabilizando-se pelas buscas e orientação na análise e registro das informações. Uma grande parcela dos pesquisadores em bases de dados é constituída de bibliotecários do setor de referência, acostumados a buscar informações. Assim, as próprias bibliotecas e centros de documentação tornaram-se canais importantes para o encaminhamento de pesquisas.

Embora no Brasil perceba-se a necessidade desta mesma participação ativa dos bibliotecários na criação e utilização de bases de dados, a realidade é bastante diferente. O bibliotecário é pouco valorizado e sua imagem está ligada às tradições e à preservação da cultura do passado. É comum encontrarem-se sistemas bibliográficos elaborados sem a participação de bibliotecários, havendo inclusive, no País, uma tentativa de declarar o gerenciamento de base de dados atividade privativa de analistas de sistemas (11).

4.1.3 Desenvolvimento na área de ciência e tecnologia

De acordo com Nicholas Wada, também citado por Subramanyam (15), mais de 75% da pesquisa e desenvolvimento realizados atualmente têm lugar em apenas seis países desenvolvidos: Estados Unidos, União Soviética, Alemanha, França, Reino Unido e Japão, enquanto que os países em desenvolvimento, que possuem dois terços da população mundial, produzem menos de 10%. Isto pode ser parcialmente explicado pelo fato de estes países gastarem menos de 0,2% do seu produto nacional bruto em pesquisa e desenvolvimento, ao passo que os países mais desenvolvidos gastam 3% ou até mais neste setor.

Embora as perspectivas para a utilização de bases de dados no mundo sejam bastante promissoras, sendo o setor da Biblioteconomia o que obteve o maior crescimento na última década, no Brasil as condições para utilização desta nova tecnologia ainda são incipientes. O esforço nacional em pesquisa e desenvolvimento ainda é limitado, o que leva a uma grande dependência de serviços do exterior. Esta dependência se reflete não só na utilização da literatura especializada estrangeira, como também na utilização das bases de dados produzidas no exterior.

Até pouco tempo acreditava-se que a tecnologia desenvolvida nos países industrializados deveria ser transferida para os países em desenvolvimento, para auxiliar o seu progresso. A partir dos anos 70 percebeu-se, no entanto, que a transferên-

cia, em grande escala, de tecnologia sofisticada, poderia causar sérios problemas, uma vez que a tecnologia desenvolvida em países altamente industrializados depende, para o sucesso de sua implantação, de uma infra-estrutura que inexistia nos países em desenvolvimento.

A transferência de tecnologia compreende, além de máquinas e produtos, dimensões psicológicas, sociológicas e culturais, como atitudes, valores e tradições de uma sociedade. A tecnologia desenvolvida para levar o homem à lua não é apropriada para resolver os problemas básicos de saúde e educação das sociedades em desenvolvimento.

De um modo geral, a informação gerada em países desenvolvidos não é apropriada às necessidades dos países em desenvolvimento. Como foi observado por McCarn, citado por Subramanyam (15), menos de 1% da literatura armazenada na base de dados americana MEDLINE trata de doenças tropicais, as quais afetam a maioria da população dos países em desenvolvimento, mas poucas pessoas nos países desenvolvidos.

4.1.4 Política nacional de informação

A capacidade de um país em fazer circular em seu território informações sob a forma digital pode ser um componente importante para a sua capacitação científica e tecnológica, que poderá e deverá ser empregada em todas as áreas do conhecimento.

Segundo Williams (16), a política nacional americana com relação às bases de dados procura incentivar, entre outras atividades, a pesquisa contínua nas ciências da informação e da comunicação, expansão do conteúdo das bases de dados, identificação do setor privado e cooperação com o mesmo para a criação e uso de bases de dados, desenvolvimento de sistemas de alocação de recursos e de remessa de documentos para a conclusão do ciclo de recuperação da informação feita em base de dados, esforços no sentido de reduzir as taxas de telecomunicações para a transferência da informação, promoção e expansão do uso de bases de dados para prover serviços a um número maior de usuários, e, acima de tudo, o compartilhamento do uso de bases de dados através de redes que incluam todos os setores da comunidade de informação.

De acordo com Brízida (1), os objetivos evidenciados para uma política de serviço de consulta a bases de dados no Brasil visam: concentrar os recursos de informação no território nacional, compreendendo computadores, bases de dados, *software* e capacidade criativa de gerentes e técnicos; universalizar o acesso à informação, permitindo a todos os brasileiros, sem discriminação, o acesso ao conhecimento acumulado nessas bases, na forma de serviços públicos; colocar à disposição da sociedade brasileira, a custo mínimo, todo o conhecimento humano armazenado em bases de dados no Brasil e no exterior; incorporar o maior número de produtos e servi-

ços nacionais à consola de bases de dados, reduzindo a dependência a fornecedores externos de recursos de informação; preservar e aperfeiçoar a cultura nacional, através de um setor que terá uma profunda influência sobre os hábitos da vida diária e sobre a língua nacional.

Apesar do reconhecimento da necessidade de uma política nacional de informação e da formulação de diretrizes para a área, percebe-se que o setor de informação não tem recebido, no Brasil, a mesma atenção que outros setores da economia, como ciência e tecnologia, agricultura, transporte, desenvolvimento industrial, etc. Embora o setor de informação seja incluído nos Planos Nacionais de Desenvolvimento, os objetivos propostos não são atingidos plenamente, principalmente pela falta de recursos financeiros.

4.2 Custo dos serviços

Quando se fala na utilização do serviço de consulta a bases de dados em bibliotecas, o custo é um ponto importante a ser discutido, pois a biblioteca precisará comprar equipamentos, treinar pessoal e pagar pelo tempo de conexão com a base de dados, o que implicará em custos adicionais para a mesma.

Se um funcionário passar um mês inteiro fazendo um levantamento bibliográfico manual, não chamará a atenção da instituição à qual a biblioteca está subordinada, porque o seu salário é pago, de um modo geral, mensalmente. No entanto, se o mesmo levantamento for feito através de uma base de dados, resultará numa fatura de serviços a terceiros, o que é raro numa biblioteca, onde as despesas são geralmente divididas entre salários e compra de material (10), ou seja, numa pesquisa feita usando bases de dados, há um fluxo externo de recursos, enquanto que numa pesquisa manual os custos são todos internos.

Os fatores que implicam em custos adicionais no uso dos serviços de consulta a bases de dados são basicamente os mesmos para as bibliotecas brasileiras e americanas. Porém, isto não significa que as buscas *online* custem o mesmo preço para usuários americanos e brasileiros.

No Brasil, os usuários desse serviço são, geralmente, pesquisadores e professores universitários, cujo poder aquisitivo é relativamente baixo, comparado aos seus colegas americanos. Além disto, o serviço de consulta a bases de dados oferecido pelas bibliotecas brasileiras ainda não atingiu um nível considerado satisfatório pelos seus usuários, o que dificulta ainda mais a sua cobrança. Nos Estados Unidos, por outro lado, as bibliotecas podem cobrar pelas consultas *online*, por oferecerem um serviço de alto nível.

De qualquer modo, tanto nos países desenvolvidos como naqueles em desenvolvimento, a utilização dos serviços de consulta a bases de dados em bibliotecas

implica em custos adicionais para a organização. O ponto de discussão é se esses custos devem ser repassados aos usuários ou não. Cunha (3) sugere uma combinação de subsídios dados pela biblioteca e taxas a serem cobradas dos usuários como a forma mais prática a ser adotada e que é, provavelmente, a mais usada para o pagamento desses serviços.

4.3 Utilização das bases de dados

As diferenças existentes entre as diversas bases de dados podem ser descritas em termos de suas características. Baseado nas diversas combinações dessas características, o usuário se decide pela busca em uma determinada base, procurando adequar a questão formulada à mesma.

Os serviços fornecidos, mais freqüentemente, pelas bibliotecas brasileiras e americanas são o de busca retrospectiva e o de disseminação seletiva da informação – DSI. No Brasil, dá-se mais atenção ao sistema de DSI, que é mais simples de montar e operar, e que fornece aos usuários informações periódicas e atualizadas.

Apesar de o uso de bases de dados nas bibliotecas ter influenciado mais diretamente o serviço de referência, seus efeitos podem ser sentidos em outras atividades da biblioteca, tais como: seleção e aquisição de material, catalogação e no empréstimo interbibliotecário.

A consulta a bases de dados nos Estados Unidos não se restringe mais ao espaço físico da biblioteca, nem é um privilégio de empresários e instituições de pesquisa, pois muitas pessoas já solicitam informações de suas próprias casas ou escritórios, encontrando-se em funcionamento vários sistemas de *display* de texto completo, de impressão *online* e de entrega rápida de documentos pelo correio. Em realidade, muitas vezes a informação mais atualizada só é disponível *online*.

Em muitas bibliotecas americanas vem sendo testado um novo serviço, o *Search Helper*, que é um sistema da **Information Access Corporation-IAC**, onde o usuário paga uma taxa à biblioteca, segue algumas instruções simples e faz pessoalmente as buscas nas bases do IAC. As bibliotecas públicas dos Estados Unidos também vêm utilizando a consulta a bases de dados no seu serviço de informação para a comunidade.

No Brasil, no entanto, a maioria das bibliotecas ainda se defronta com problemas básicos de falta de recursos humanos e financeiros para dar seguimento às suas atividades de rotina. Deste modo, o uso de bases de dados em bibliotecas é bastante limitado, ficando restrito às universidades, instituições de pesquisa e empresas de grande e médio porte.

A EMBRATEL conduziu uma extensa campanha publicitária, apresentando as bases de dados como meio de se atingirem as grandes metas nacionais. Embora o

número total de bases de dados existentes no País seja razoável para as condições brasileiras, menos de vinte delas veiculam dados bibliográficos. A maioria é disponível através de serviços com baixa penetração em bibliotecas, tais como o Videotexto e o Cirandão. Além disto, há um desinteresse pela informação bibliográfica, uma vez que a sociedade brasileira é constituída, em sua maioria, por indivíduos com baixo ou nenhum nível de escolaridade, não recebendo nenhum benefício direto com a utilização deste serviço. Como agravante, a inadequabilidade da infra-estrutura informacional, discutida anteriormente, dificulta ainda mais a implantação efetiva dos serviços de busca *online* no Brasil.

6. CONCLUSÃO

A partir da descrição e exposição sistemática ds informações referentes aos serviços de consulta a bases de dados no Brasil e nos Estados Unidos, é possível tirar algumas conclusões que servirão para nortear a implantação e o desenvolvimento desse serviço nas bibliotecas brasileira.

Ao analisar a situação brasileira, nota-se que os serviços bibliográficos são oferecidos, basicamente, em apoio ao sistema educacional, papel desempenhado pelas bibliotecas universitárias e escolares. As poucas bibliotecas públicas raramente atendem a um público adulto, sendo utilizadas principalmente por estudantes, que não encontram as condições adequadas em suas escolas, faculdades ou casas. Serviços bibliotecários, fora do âmbito educacional, são pouco desenvolvidos no País, e aqueles que mais utilizam bases de dados, como os destinados aos técnicos e outros especialistas, demonstram um baixo grau de penetração (11).

Através do estudo comparado do serviço de acesso a bases de dados no Brasil e nos Estados Unidos, percebe-se que, para a dinamização desta atividade no Brasil, é indispensável o desenvolvimento de uma infra-estrutura informacional que dê suporte ao serviço de acesso *online*, a nível nacional e internacional, sendo necessário, para isto:

- implantação das diretrizes propostas nos planos e políticas nacionais de informação;
- melhoria dos recursos didáticos e aperfeiçoamento do corpo docente das escolas de Biblioteconomia, dando maior atenção ao papel desempenhado pela informática nos serviços bibliotecários;
- maior divulgação dos recursos informacionais existentes no País;
- participação ativa dos profissionais da informação no desenvolvimento de tecnologias nacionais para este setor e na adaptação de tecnologias estrangeiras à realidade brasileira;

- criação e desenvolvimento de bibliotecas, centros de informação e sistemas de redes de bibliotecas;
- desenvolvimento de mecanismos que possibilitem e facilitem a obtenção de cópias e a entrega de documentos recuperados através da consulta às bases de dados.

Os profissionais brasileiros devem, portanto, extrair da experiência americana o que for mais apropriado às necessidades nacionais, procurando participar efetivamente do processo de geração, desenvolvimento e implantação de bases de dados brasileiras, tendo em mente as necessidades do País e os recursos disponíveis.

Artigo recebido em 04.05.87

Abstract

Use of data bases in Brazilian and American Libraries

Compares the development and utilization of data bases in Brazilian and American Libraries. Discusses the social, economic and cultural background and characteristics of the two societies. Mentions the main problems in the development and use of data bases in Brazil. Concludes that improvement in the use of data bases in Brazilian libraries depends substantially on the development of a general and technical infrastructure to support this activity.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

01. BRÍZIDA, J. de O. Bancos de dados – primeiros passos. *Bol. Inf. SEI*, 5 (Ed. Especial):57-83, ago/out. 1981.
02. CATÁLOGO de bases de dados no Brasil. *Info*, 3(33):31-53, out. 1985.
03. CUNHA, M. B. da. **Base de dados e bibliotecas brasileiras**. Brasília, ABDF, 1984. 224p.
04. _____. A informática e a biblioteconomia: união de muito futuro. *R. Biblioteconomia de Brasília*, 13(1):1-7, jan/jun. 1985.
05. _____. Uso de bases de dados por países em desenvolvimento, problemas e perspectivas. *Rev. Bras. Biblioteconomia e Doc.*, 16(3/4):21-30, jul/dez., 1983.
06. DIZARD, W. P. **The coming information age**: an overview of technology, economics and politics. New York, Longman, 1982, cap. 1.
07. HAUPTMAN, R. Computers, referente, and revolution. *Reference Librarian*, 5/6:71-5, Fall/Winter, 1982.
08. LOPES, I. L. Consulta a base de dados: vantagens e desvantagens. *Rev. Bras. Biblioteconomia e Doc.*, 16(3/4):31-48, jul/dez. 1983.
09. _____. Sistemas *online* de recuperação da informação. *Ciência da Informação*, 14(1):55-60, jan/jun. 1985.
10. McCARTHY, C. M. Bases de dados; vantagens, desvantagens e perspectivas latino-americanas. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 1. *Anais*. Salvador, 21-6 set. 1980. Salvador, FEBAB, 1980, v.1 p. 593-618.
11. _____. Reflexões sobre o papel do bibliotecário na organização e utilização de bases de dados. In: ENCONTRO NACIONAL DE BIBLIOTECONOMIA E INFORMÁTICA, 2. *Anais*. Brasília, 26-31 out. 1986. Brasília, ABDF/IBICT, 1986, p. 1-23.

12. ROBREDO, J. & CUNHA, M. B. da. **Documentação de hoje e de amanhã**: uma abordagem informatizada da biblioteconomia e dos sistemas de informação. 2. ed. rev. ampl. Brasília, 1986. 400p.
13. ROSTOW, W. W. The fifth upswing and the fourth industrial revolution. *Economic Impact*, 44:58-63, Oct/Dec., 1983.
14. SILVA, M.N.O.; AMARAL, S.A.; DIAS, W.M.D. Uso de base de dados na Biblioteca Central da Universidade de Brasília. In: ENCONTRO NACIONAL DE BIBLIOTECONOMIA E INFORMÁTICA, 2. *Anais*. Brasília, 26-31 out. 1986. Brasília, ABDF/IBICT, 1986. p. 121-30.
15. SUBRAMANYAM, K. Online searching in less-developed countries: problems of infrastructure and appropriateness. In: NATIONAL ONLINE MEETING, 4. *Proceedings*. New York, Apr. 12-14, 1983. p. 539-49.
16. WILLIAMS, M. E. The impact of machine-readable data bases on library and information services. *Inf. Proc. & Monog.*, 97-107, 1977.
17. WILMONT, C. E. On-line opportunity: a comparison of activities in America and the United Kingdom. *Aslib Proceedings*, 28(4):134-43, Apr. 1976.
18. WORCMAN, J. & COELHO, T. Bases de dados revolucionam o acesso à informação. *Info*, 3(33):24-56, out. 1985.